

*FRUTAS  
CÍTRICAS*



KARLA S. GONÇALVES

# FRUTAS CÍTRICAS

SÉRIE DEGUSTAÇÃO LUSITANA · LIVRO 1



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2021

Copyright © Karla S. Gonçalves, 2021

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de  
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL  
**Lilian Vaccaro**

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
**Bianca Gulim**

ASSISTÊNCIA EDITORIAL  
**Jadna Alana**

PRODUÇÃO GRÁFICA  
**Giovanna Vaccaro**

CAPA  
**Gabriella Regina**

DIAGRAMAÇÃO  
**Michael Vasconcelos**

DADOS  
INTERNACIONAIS  
DE CATALOGAÇÃO  
NA PUBLICAÇÃO  
(CIP)

Gonçalves, Karla S.

Frutas cítricas / Karla S. Gonçalves. – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2021

ISBN: 978-65-89850-21-2

1. Ficção brasileira 2. Romance de época I. Título

CDD: 869.3



Rua Coronel Leme, 43  
Centro | Bragança Paulista | SP  
12.900-340  
[www.editoracoerencia.com.br](http://www.editoracoerencia.com.br)

Com todo o meu amor, meu amargor é todo seu,  
Maria Eduarda. Minha eterna Isaac.



## *AGRADECIMENTOS*

Gostaria de agradecer primeiro a Deus. Sem Ele eu nunca teria terminado esta obra. Ele não somente me fez conseguir como me deu uma oportunidade magnífica de escrevê-la quando nem mesmo eu achava que deveria. Obrigada por me guiar, me usar e não me julgar.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer à minha inspiração, minha querida irmã, que mesmo sem saber me deu motivos para criar vidas em seu nome. Sua inocência e amor de irmã refletiram na minha trajetória de tal maneira que não pude deixar de fazê-la conhecida pelo mundo. Sua simples presença me deu forças em dias de fraquezas e paz em dias de guerra. Eu te amo infinitamente, Eduarda.

Também quero agradecer a meus dois apoiadores mais incisivos. Eles não me deixaram desistir, por mais que exista uma barreira enorme entre eles e a minha obra. Mesmo assim, reconheceram e amaram o meu potencial. Obrigada, Luiz Felipe Menezes, por ser tão perfeito em minha vida e, mesmo detestando o estilo literário que adotei, conseguiu extrair amor das minhas palavras poéticas. Obrigada, Manuela Aguiar, por, mesmo havendo um bloqueio ético entre nós, ter sido a minha melhor amiga neste âmbito. Obrigada

por ter amado cada texto e até mesmo por ter sugerido uma paixão por absolutamente tudo artístico que saía de mim. Você viu em mim uma Jane Austen e uma Clarice Lispector.

Meus agradecimentos também se estendem a toda a minha família paterna, materna e emprestada. Amo cada um de vocês. Vocês me inspiraram a escrever de maneira convicta através de seus aprendizados, carinho, repreensão e defeitos.

Por último, mas não menos importante, sou muito grata a vocês, leitores, que estão dando a chance a uma escritora brasileira. Eu amei escrever esta obra e espero que vocês sintam apreço por ela. Espero que pensem “valeu a pena me render ao patriotismo”. Quero fazer jus a isso.

1º ato  
*BLECAUTE*

# 1

## Ela

*1788, 10 de março*

Ela despertou desajeitada na ardósia enlameada, tendo abandonado as suas virtudes, restando-lhe apenas gemer de dor. O ardor que emanava de seu braço esquerdo, queimando-o por dentro e por fora, contrastava com o piso gélido. A jovem mal conseguia se mover e o que via a perturbava. Quase nada. Absorta em um imenso nada. Havia um som irritante e persistente do tinir de uma goteira ao longe, o qual se caracterizava como o único fator não constituinte da sensação de escassez de vida no recinto. Mas o som mais perturbador era o eco do silêncio.

A jovem se colocou de joelhos, com auxílio das mãos fraquejadas envoltas por luvas de cetim violentamente rasgadas. Sua respiração estava pesada. A nuca doía tanto quanto a cabeça. Havia uma mecha de cabelo encaracolado — que não se sabia ao certo a cor devido à falta de luminosidade — a qual pendia de sua cabeça em um penteado bagunçado. Apesar de não enxergar quase nada, sentia-se frágil e sabia que estava tonta. Por isso, apoiou-se nas pedras das paredes locais, mergulhadas em musgo e revestidas por umidade, criando a capacidade de escorregar mais facilmente ao toque. Mesmo assim, não desistiu até estar de pé.

Piscou vezes o suficiente para estabilizar a sua visão e perceber que a escassa luz penetrando o ambiente era de uma singela e minúscula janela no topo da parede à qual se apoiava. Estava posicionada tão alto que quase tocava o teto mofado. Encarou-a mais um pouco. Seria aquilo terra saindo do exterior? Pressionou a têmpora em uma tentativa fracassada de fazê-la parar de pulsar. De olhos fechados, esforçou-se para recordar algo. Não havia nada para ser recordado. Ao abri-los, vislumbrou, devido a poucos raios solares, uma mancha de sangue na manga justa e bordada de seu vestido verde. Os detalhes em dourado permitiam que o vermelho seco se destacasse. Era apavorante.

Decidida a conhecer o local, retirou os sapatos de salto para não os trincar no chão. Evitou emitir sons, mantendo o ambiente conservado da forma como o encontrara, silencioso — exceto pelo barulho da goteira. Ao perambular por cada centímetro, com auxílio do tato, percebeu que se tratava apenas de um quarto escuro e sombrio por natureza — incluindo o local no qual a claridade incidia —, associado a um corredor igualmente característico. No início do corredor havia uma portinha pouco comprida feita de tábuas de madeira instaladas na vertical; estavam muito fragilizadas e podres ao toque. Não havia tranca, portanto se dispôs a vasculhar.

Ao tentar entrar, bateu o ombro e a cabeça na pedraria. A passagem era menor do que imaginara e teve de se agachar para conseguir atravessar. Dentro do recinto era possível observar um balde enferrujado de alça frágil e um banco de madeira à direita com uma vela recém-acesa sobre ele. As chamas estavam fracas, prestes a apagar, mas ao seu lado estavam os apetrechos necessários para reacendê-la.

A dama se aproximou com cautela ao notar uma passagem atrás do assento e, pelo que parecia, estava trancada. A passagem era de metal e produzia um barulho estrondoso ao toque, além de ser pequena demais, tanto em largura quanto em comprimento.

Mal cabia a circunferência da jovem. Afastou-se. Enquanto saía do pequeno quarto, pôde notar também uma pilha de papéis destinados à limpeza íntima no interior do cômodo. Tateando, descobriu que o corredor também levava a uma porta que acreditava ser de madeira, ladeada por tiras metalizadas e alguns pregos, além de uma aldrava enorme no canto. Não era possível saber o símbolo que havia no grande objeto, uma vez que as proximidades da entrada era um breu absoluto.

Não era possível afirmar nada além de que seu vestido provavelmente era de linho verde, portando uma delicada renda nas extremidades. Passou a mão pelo corpo. Havia uma gola alta que percorria cada centímetro de seu pescoço e era simplória, assim como as rendas pequeninas caindo adjunto à primeira camada do vestido. Era inexistente a presença de cauda, conseguiu perceber assim que se levantou, apesar de a veste permanecer rente ao chão, isso quando não o tocava.

Sobre si mesma, conseguia distinguir muito pouco. Apenas que a sua pele era clara, sem mencionar a intensidade. E seu histórico... Bem, sua descendência? Quem dera saber ao menos a que patriarcado servia.

*Excessivo luxo momentâneo. Uma extravagância para quem nem sequer se lembra de seu eu. Desvirtuosa e então violada, no mínimo moralmente. Aquele pensamento a atingiu, perturbando-a, então se contorceu em sua veste. Procrastinada pelos vivos. Imputado a mim o processo inclemente de morte; pelo propósito, porquanto, pelo acaso não foi. E se deteve ali, ao centro, onde, ao menos, ainda podia sentir a incidência dos raios enquanto era dia.*